

AS CONTRIBUIÇÕES DE BOURDIEU PARA A ANÁLISE DO CAMPO EDUCACIONAL

Tomaz Tadeu da Silva*

SÍNTESE – O texto assinala que os estudos e pesquisas de Pierre Bourdieu apresenta uma clara identificação com a educação e com a análise educacional. Observa que no Brasil, até bem pouco tempo, a abordagem desse autor esteve associada com uma de suas obras *A reprodução*, sendo por isso transformado num pedagogo ou num filósofo educacional, cuja pedagogia devia ser rejeitada em nome de um humanismo otimista, que era justamente o que ele estava criticando. Mais recentemente, no entanto, verifica-se que Bourdieu passa a ser considerado como um teórico social importante para a análise e para a própria teoria da educação.

ABSTRACT – The text points out Pierre Bourdieu's studies and presents a clear identification with education and with educational analysis. It notes that until recently, in Brazil, this author's approach has been associated with one of his works, *The Reproduction*, thus being the author transformed into an educator or an educational philosopher whose pedagogy should be rejected on behalf of an optimistic humanism, which was exactly what he was criticizing. More recently, however, it can be verified that Bourdieu has begun to be considered as a social theoretician, important both for the analysis and for the theory of education itself.

O *habitus* de Bourdieu e o *habitus* da Pedagogia

Para começar, devo admitir que, como nas antigas seções de passatempo dos jornais, minha fala tem um jogo embutido, uma espécie de charada que os ouvintes mais atentos poderão ir decifrando à medida que for me aproximando do fim. Aos que não chegarem à solução, também à maneira dos antigos jornais, ela ser-lhes-á fornecida ao final – mas não de cabeça para baixo, como nas folhas informativas de antanho.

Há uma clara identificação do trabalho de Bourdieu com a educação e com a análise educacional. Por um lado, porque ele próprio concede um papel central à educação em suas pesquisas empíricas e em sua construção teórica. Por outro, porque a publicação de sua análise mais conhecida da educação, feita juntamente com Passeron, *A reprodução*, coincidiu com uma série de outros desenvolvimentos analíticos e teóricos que colocaram em xeque as visões convencionais e liberais do aparato educacional e pedagógico até então predominantes – Althusser na própria França, a Nova Sociologia da Educação na Inglaterra, Bowles & Gintis nos Estados Unidos, Paulo Freire no Brasil.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

As condições da recepção de Bourdieu no Brasil, na área da educação, entretanto, foram bastante peculiares. Parte da interpretação educacional de Bourdieu no Brasil foi feita através da crítica do *alegre* filósofo Georges Snyders – nessa época as pessoas leram muito mais Snyders e seu intérprete brasileiro, Dermeval Saviani, que Bourdieu. Nessa operação, Bourdieu foi estranhamente transformado num pedagogo ou num filósofo educacional cuja pedagogia devia ser rejeitada em nome dum humanismo otimista que era justamente o que ele estava criticando. Prova disso são os diversos exercícios classificatórios feitos nessa época na qual Bourdieu figura como um pedagogo entre tantos outros e sua pedagogia era classificada como reprodutivista, numa ilustração dos riscos de operações de descontextualização como essa. Um dos subprodutos dessa operação foi a petrificação de Bourdieu como o autor de um único livro, *A reprodução*, que muito poucos leram, mas que serviu, não obstante, para que uma multidão de leitores dos fabricantes de rótulos o classificassem definitivamente como um irremediável *reprodutivista*. Estava selada a sorte do "pedagogo" Bourdieu. Se sua pedagogia, assim deduzida, proclamava o triunfo de uma inevitável reprodução cultural e social, na qual a educação estava centralmente envolvida, ela, constituía, então, um obstáculo à ação. Más notícias – melhor conjurá-las, eliminando o mensageiro.

Por um longo tempo, pois, a rejeição do assim construído pedagogo Bourdieu levou a um distanciamento em relação ao Bourdieu sociólogo e sociólogo da educação. Quando muito ele era rapidamente caracterizado como reprodutivista apenas para ser evitado: demasiado pessimista!

Apenas muito recentemente com o declínio do prestígio das otimistas meta-narrativas educacionais (mas não me deixem esquecer da ascensão de uma nova – o construtivismo!) é que Bourdieu passa novamente a ser considerado como um teórico social cuja contribuição pode ser importante para a análise educacional e até mesmo para a teoria educacional. Mas esperemos que dessa vez prestem mais atenção à sua sociologia que à sua suposta pedagogia, mas duvido muito.

É possível que se espere de mim aqui, nesta noite, que lhes dê algumas indicações de como se podem aplicar os conceitos desenvolvidos por Bourdieu para analisar aspectos da área educacional. Sinto decepcioná-los, mas não é isso que eu vou fazer aqui, pois não acredito nesse tipo de aplicação. Vou tentar desenvolver justamente um argumento contrário: que aplicar Bourdieu, ser fiel ao programa de Bourdieu, não consiste em extrair de sua obra certos conceitos centrais para aplicá-los, mecanicamente, a algum processo, instituição ou fenômeno educacional. A operação típica desse tipo de "raciocínio" consiste em destacar alguns desses conceitos, tentar defini-los no início da "pesquisa" ou trabalho e logo passar à sua aplicação, que em geral se resume à identificação de instâncias do conceito, num movimento parecido ao que fazem aqueles pesquisadores que saem em busca da identificação do currículo oculto. É o jogo do "isto é", "isto não é", muito popular no âmbito da pesquisa educacional porque parece preencher o vazio deixado pela falta de criatividade e imaginação. Não, aplicar Bourdieu, na perspectiva que vou tentar desenvolver, consistiria em tentar reproduzir seu *modus operandi*, tentar reproduzir o mesmo tipo de raciocínio que caracteriza o pensamento sociológico corporificado nas suas pesquisas, fazer o tipo de perguntas que ele faria. Isso não quer dizer que os conceitos desenvolvidos por Bourdieu não possam ser utilizados, mas que a uti-

lização desses conceitos desencarnada de seu *modus operandi* só pode conduzir à criação de um monstro epistemológico. Seu *opus operantum*, seus conceitos e teorias, seus resultados, transpostos para um outro contexto, destituídos das mesmas disposições científicas que o produziram, não fazem o menor sentido.

Justamente aqui reside a principal dificuldade de se "aplicar" Bourdieu à análise educacional. Pois existe uma forma de pensar, uma matriz mental, predominante na área da educação, que conspira contra a transposição das disposições mentais manifestas no esforço investigativo e teórico de Bourdieu. O "pensamento pedagógico", característico das pessoas que atuam na área da educação, de certa forma situa-se no pólo oposto ao "pensamento sociológico" que caracteriza a ação científica de Bourdieu. Está aí talvez a primeira e principal contribuição de Bourdieu à análise educacional: a de permitir uma análise das condições que produzem os esquemas mentais característicos da ocupação pedagógica. Mas vou deixar isso como exercício para vocês. Aqui vou apenas fazer um ensaio de descrição de quais são essas características, para depois contrapô-las às características do esquema mental implícito no pensamento (essa palavra sendo usada aqui precisamente no sentido de processo e não de obra acabada) sociológico de Bourdieu. Em que consiste a matriz mental do pedagogo e da pedagoga? Quais são suas inclinações e disposições no terreno que aqui nos interessa, o da análise educacional?

O esquema mental pedagógico, em algumas de suas vertentes pretensamente marxistas, muitas vezes pretende ser dialético, mas é apenas essencialista e metafísico. Ele muitas vezes pretende ser materialista (de novo: em algumas das correntes de inspiração supostamente marxistas) mas é apenas idealista, quando não simplesmente espiritualista, sobretudo em suas vertentes religiosas (não esquecer o grande número de ex-padres e ex-seminaristas na área). O pensamento pedagógico é declaradamente humanista e subjetivista, acreditando na autonomia última do homem (e esperamos, também da mulher). Ele tende a ser totalizante, eternamente em busca da grande teoria que vai guiar todas as suas ações e tudo explicar – do fracasso escolar à vida eterna. A forma de pensar pedagógica é a histórica e naturalizante, acredito em verdades eternas e artefatos estáveis. A forma pedagógica de raciocinar freqüentemente tende ao juridicismo e ao oficialismo, tomando as nomeações oficiais do mundo social, sua aparência, por sua verdade. Quando de oposição, o pensamento pedagógico é maniqueísta, dividindo o mundo, de forma simplista, em opressores e oprimidos. Finalmente, o pensamento pedagógico é alegre, otimista, feliz e irreflexivo, pleno daquela alegria que vem da inconsciência e do desconhecimento.

Em contraposição, o quadro mental científico-sociológico que resulta no *modus operandi* bourdieuniano opera em chaves completamente diferentes e, em muitos casos, opostas. Imitar, emular, incorporar esse *modus operandi* significa não utilizar os conceitos que são seus produtos, mas antes incorporar as disposições que têm como resultado esses conceitos (Brubaker, 1993). Significa não simplesmente importar os conceitos e sua lógica, mas a forma de pensar e ver o mundo social que deram origem a esses conceitos. Os conceitos são a expressão de uma visão, de uma perspectiva, que não fazem sentido sem ela.

Esse quadro mental, essa forma bourdieuniana de "olhar o mundo social" supõe uma disposição a: 1) problematizar as categorias e mecanismos sociais toma-

dos como dados e naturais pelo senso prático, aí incluídos os do próprio sociólogo-observador; 2) pensar relacionalmente, o que implica não a busca da essência dos fenômenos, dos processos ou dos elementos do mundo social, mas situá-los uns em relação aos outros e na estrutura à qual pertencem; 3) perceber padrões na aparente desordem e falta de sentido do mundo social; 4) historicizar o mundo social, relativizá-lo, demonstrar a arbitrariedade histórica dos artefatos da criação humana e social; 5) objetivar o mundo social, vinculando-o às condições objetivas de sua produção; 6) mostrar desconfiança em relação às formas oficiais e correntes de nomear e classificar o mundo – tomadas não como nomeações da realidade, mas como operações de constituição interessada da realidade; 7) não dicotomizar o mundo social: estrutura/sujeito, micro/macro, indivíduo/sociedade, ação/estrutura, objetivismo/subjetivismo, mas a considerá-los integradamente; 8) destacar como unidades de análise não o mundo social em sua totalidade, a sociedade em seu conjunto, mas instituições ou práticas localizadas, governadas por práticas específicas, embora homólogas a outras práticas sociais; 9) ver todas as práticas como *interessadas*, a situá-las em relação aos interesses de manutenção das estruturas existentes de acumulação de prestígio simbólico e vantagens materiais e formas particulares de poder – a sociologia é para Boudieu a ciência do poder, das lutas de poder.

Uma análise educacional que levasse a sério a sociologia de Bourdieu deveria ser capaz de distinguir entre um problema educacional e um problema sociológico. Deveria saber a diferença entre uma perspectiva analítica e uma perspectiva normativa. Uma análise educacional bourdieuniana só pode ser uma sociologia da educação e como tal não deveria estar preocupada com as finalidades da educação, com a natureza epistemológica do conhecimento educacional, com as melhores formas de organizar o sistema educacional ou de desenvolver melhores métodos de ensino ou de avaliação. Uma análise sociológica da educação inspirada em Bourdieu deveria, em vez disso, preocupar-se em compreender como a educação está implicada na constituição da sociedade, da estrutura social e do agente social. Deveria preocupar-se em compreender como as categorias de pensamento e de classificação da realidade estão ancoradas em interesses e em relações de poder e em compreender de que forma a educação está implicada nesse processo. Mais do que os conceitos bourdieunianos o que definiria uma análise bourdieuniana da educação seria o tipo de pergunta, o tipo de problema formulado. A questão não consiste em saber se estou aplicando os conceitos corretos e corretamente, mas se estou fazendo tipo certo de pergunta.

Uma perspectiva de análise sociológica da educação deveria, sobretudo, estar preocupada em romper com as categorias do senso comum de compreensão do mundo social, em se contrapor à tendência à naturalização, ao fatalismo, às explicações individualizantes características do senso comum. Aplicar Bourdieu à análise da educação significa tentar efetuar essa ruptura à naturalização e à desistorização, significa tentar desnaturalizar o mundo social, ultrapassar o nível das explicações individualizantes, fatalistas, metafísicas, essencialistas. Tornar visível o invisível, produzir um efeito de desencantamento, destruir a ilusão da transparência do mundo social, desenvolver a "imaginação sociológica" são todas operações que estão no centro da melhor sociologia, aí incluída a de Bourdieu e que se contrapõe ao

senso comum da vida cotidiana e ao senso comum do pensamento pedagógico. O quadro mental sociológico se opõe radicalmente às rotinas cognitivas e afetivas características do senso prático e de certas orientações ocupacionais e profissionais. Romper com essas rotinas é uma tarefa bem mais complexa e difícil do que a mera transposição de conceitos sociológicos.

Para finalizar, proponho um exercício, uma espécie de teste para verificar se houve uma real transposição dos esquemas sociológicos de Bourdieu para a espécie de análise sociológica da educação que alguém se propuser a fazer: realizar uma análise bourdieuniana que não nomeasse, uma só vez, os conceitos centrais de Bourdieu. Os ouvintes mais atentos terão percebido que foi justamente isso que fiz na minha fala desta noite, numa tentativa de demonstrar que não é essa a contribuição importante que Bourdieu pode dar para a pesquisa em educação. Com isso espero ter passado também mais uma lição de Bourdieu: a de ensinar mostrando. Com isso posso também enunciar o argumento que vim desenvolvendo nesta noite em termos bourdieunianos: o *habitus* pedagógico predominante no campo da análise educacional é incompatível com o *habitus* científico-sociológico de Bourdieu. Ou, ainda, em outros termos: em vez de utilizar a lógica da prática (bourdieuniana) aplicar a prática da lógica (bourdieuniana), o que significa aplicar Bourdieu de modo prático e não teórico, conceitual, fazendo como ele faz e não importando conceitos e sua teoria para o contexto de um *modus operandi* completamente estranho ao seu. Se a contribuição de Bourdieu à análise educacional deve fazer qualquer sentido, o senso prático pedagógico deve dar lugar ao senso prático sociológico bourdieuniano. Os conceitos, proposições e teorias de Bourdieu são apenas as formas objetificadas de um *habitus*. Apropriar-se delas sem internalizar o *habitus* que lhes deu origem demonstra a mesma artificialidade das "maneiras" do novo rico. A maior contribuição que Bourdieu poderia dar à análise educacional seria a de modificação desse *habitus* pedagógico. A única forma de aplicar Bourdieu à análise da educação é aplicando sua sociologia e não transformando-o num pedagogo ou sua sociologia numa pedagogia. A única pedagogia resultante da sua sociologia consistiria no ensino da sócio-análise que lhe é conexas e a primeira coisa que deveria ser submetida à essa sócio-análise, a essa problematização, seria justamente o senso prático do pedagogo, seu *habitus*.

Referência Bibliográfica

BRUBAKER, Rogers. "Social Theory as Habitus". In: Craig CALHOUN, Edward LIPUMA & Moishe POSTONE (Eds.). *Bourdieu: Critical perspectives*. Chicago: University of Chicago Press, 1993: 212-234.